

# Brasileiros na Guiana Francesa

AROUCK, Ronaldo de Camargo. *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades*. Belém: NAEA/UFGPA, 2002. 223p. il.

Rubens da Silva Ferreira – Museu Paraense Emílio Goeldi

Notadamente os processos migratórios internacionais têm se intensificado, nas últimas décadas, como forma de superação das dificuldades enfrentadas pelas populações de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Nessa perspectiva, Ronaldo Arouck (1956-2001) optou pelo estudo dos deslocamentos de brasileiros para a Guiana Francesa, como objeto de sua dissertação de mestrado, apresentada ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA/UFGPA. Tal interesse se deu em função da escassez de trabalhos sobre essa realidade ainda recente no continente sul-americano. Mas, por um infortúnio, o autor de *Brasileiros na Guiana Francesa...* veio a falecer pouco antes da defesa de sua pesquisa, o que levou o NAEA a publicá-la na forma de livro, como uma homenagem póstuma a esse turismólogo que desenvolveu profundo interesse pelos estudos antropológicos.

Diferente das abordagens feitas no âmbito das Ciências Sociais aos fenômenos migratórios, Arouck traçou seu percurso de análise pelo viés das relações interétnicas que se estabelecem entre os diferentes grupos humanos que coexistem em solo guianês-francês. Assim, a teoria formalista da etnicidade, atribuída a Fredrik Barth, é recorrida como um referencial capaz de dar conta das tensões e das fronteiras étnicas que emergem em uma sociedade formada por povos de origens diversas. O contato com essa diversidade humana levou o pesquisador a trabalhar com uma visão dinâmica de *eticidade*, não sendo tal conceito uma entidade monolítica que está a representar unicamente os caracteres inerentes a um dado grupo étnico.

Como Arouck constatou ao exercitar empiricamente o conceito de *eticidade* na sociedade guianesa-francesa, trata-se de uma construção teó-

rica que precisa ser adaptada às particularidades do objeto investigado, a fim de situar o pesquisador em meio a um campo semântico que se expressa de formas diversas no real concreto. Partindo dessa perspectiva dinâmica de *eticidade*, o autor procura reconstituir a formação social da Guiana, que se tornou uma possessão francesa, com a expansão comercial do século XVII, recebendo, desse modo, algumas levas de cativos africanos que, pela mestiçagem com o europeu, vieram a dar origem ao segmento *creóle* da população. Na primeira metade de 1800, chegaram os chineses e os grupos humanos provenientes da Índia, denominados indústões.

Dada à dificuldade de colonização da Guiana, em 1946, *bushinenges* e haitianos refugiaram-se para lá, em conseqüência dos problemas políticos enfrentados em seus países de origem, quando da instauração dos regimes autoritários na América Latina e no Caribe. A imigração de brasileiros, por sua vez, é um fenômeno mais recente, porém, não menos importante no estudo populacional desse espaço "multiétnico". Em termos econômicos, esses grupos distintos têm sido absorvidos pelo setor de serviços, o qual atende aos técnicos europeus residentes na Guiana Francesa e empregados no Centro Espacial de Kourou. Tãmanha é a importância desse empreendimento científico-militar, que só ele responde por 80% do PIB guianês-francês.

Quando da construção do Centro Espacial, em 1964, o próprio governo francês encarregou-se de atrair mão-de-obra colombiana e brasileira para trabalhar na construção civil. Com a oferta de um salário mínimo seis vezes superior àquele pago no Brasil, macapaenses e paraenses migraram para a Guiana

em busca de melhores oportunidades salariais. Arouck, no entanto, revela que tal atrativo acabou por gerar um efeito inesperado: um fluxo clandestino de imigrantes que passaram a ser contratados pelos empreiteiros locais por salários cada vez menores. Mas, além desses imigrantes que fazem a travessia da fronteira Brasil-Guiana Francesa para trabalhar na construção civil, há ainda os que são atraídos por parentes já fixados nesse departamento ultramarino francês.

O autor de *Brasileiros na Guiana Francesa* ressalta ainda que, se, de um lado, as possibilidades de ganhos salariais são atrativas para os imigrantes, de outro, as condições de vida em solo estrangeiro não são nada fáceis, como muitos podem ser levados a crer. Mesmo o ingresso na Guiana apresenta níveis diversos de dificuldades, seja para a categoria que Arouck refere-se como *documentados* (imigrantes legais), ou para aqueles classificados como *indocumentados* (imigrantes ilegais). Para a primeira categoria, a imigração torna-se problemática em função das exigências para a concessão de vistos de turista, a qual nos últimos anos tem sido cada vez mais exigente por determinação do governo francês. Para a segunda categoria, o *cruzamento* da fronteira é uma experiência perigosa, sobretudo porque o acesso se dá pelo rio Oiapoque.

Como descreve Arouck, os imigrantes ilegais em território guianês-francês atravessam a fronteira em pequenas embarcações típicas da Amazônia, que chegam a transportar até 20 passageiros. Os *atravessadores* cobram de cada pessoa o valor de R\$ 600,00 para uma viagem, cujo destino é incerto. Não só os riscos de naufrágio – que Arouck diz serem comuns – como também a possibilidade de abordagem pela Guarda Costeira guinesa-francesa são fatores que podem impedir o sonho de ganhos no *estrangeiro*. Os que conseguem entrar na Guiana enfrentam ainda uma vida de intensa labuta e preconceitos. No trabalho de campo, o turismólogo evidenciou que os imigrantes brasileiros *bem-sucedidos* tendem a evitar contato com os *menos bem-sucedidos*. E para estes últimos, que não conseguem reunir uma economia significativa trabalhando na Guiana, o retorno ao país de origem é quase certo.

Embora os brasileiros *bem-sucedidos* consigam fixar-se com uma relativa segurança financeira na Guiana-

Francesa, a pesquisa de Arouck mostra que eles não são de todo integrados à sociedade local. Esse quadro é demonstrado não só pela exclusão do processo político, como também pelas uniões amorosas. No que concerne a esta última, as lideranças políticas da Guiana são predominantemente de etnia *créole*; e os parlamentares, de um modo geral, não vêem com otimismo o ingresso de estrangeiros na vida econômica, social, cultural e política desse departamento francês. No que se refere aos relacionamentos sexuais e afetivos, o pesquisador soube, através de entrevistas, que as mulheres guianesas não se envolvem com os brasileiros. Tal fato também ocorre com os jovens filhos de imigrantes que nasceram na Guiana Francesa e que se relacionam quase que exclusivamente com suas compatriotas. Em contrapartida, os relacionamentos entre brasileiras e homens nativos e/ou metropolitanos são mais comuns, o que as leva a se dedicarem ao aprendizado sistemático do francês nas escolas locais de idioma.

Um dado comum observado pelo autor, quanto à entrada de imigrantes em sociedades estrangeiras, é a reação da população nativa que passa a receber esse fluxo. Neste ponto, Arouck discorre sobre aquilo que o segmento dominante *créole* entende como uma ameaça aos direitos assegurados pelo Estado francês aos cidadãos guianeses, pois só os brasileiros legalmente residentes em Caiena são estimados em 10.000 indivíduos. Os clandestinos, de acordo com Arouck, giram em torno de 30.000. Na visão de políticos guianeses-franceses, os impactos desse fluxo migratório podem afetar a economia local, à medida que os imigrantes desviam seus rendimentos para pequenos negócios e familiares em seus países de origem, ao invés de (re)investí-los na Guiana Francesa. Certamente, este é um dentre tantos outros fatores que alimentam os preconceitos contra os grupos humanos estrangeiros que têm se dirigido para a Guiana.

Nesse quadro, em *Brasileiros na Guiana Francesa...*, Ronaldo Arouck vai além da mera exposição descritiva daqueles que deixaram o Brasil – em definitivo ou temporariamente – com o objetivo de alcançar um padrão de vida mais elevado do que aqueles que tinham em seu país de origem. Através de dados levam-

tados em campo desde 1992, ele problematiza os sentimentos de insegurança de uma população que tem assistido aquilo que considera ser uma “invasão” ao seu território, bem como daqueles que buscam melhores oportunidades, num espaço em que os modos de ser e de viver são diferentes de sua cultura original. Em face disso, as relações de *alteridade* entre guianeses-franceses, surinameses, chineses, indústões e brasileiros acabam por revelar a complexidade da coexistência entre grupos que diferem *uns* dos *outros*, ou mesmo em contextos intra-grupais, como é o caso dos brasileiros *bem-sucedidos* e *menos bem-sucedidos* que buscam diferenciar-se socialmente entre si.

Em suma, o fenômeno étnico produzido pelos diferentes segmentos sociais na Guiana Francesa é trazido aos estudantes, professores e pesquisadores das Ciências Sociais, sob um olhar antropológico, em que o rigor acadêmico não constitui uma barreira de leitura para o público mais amplo. A fluidez do discurso etnográfico, ao longo dos seis capítulos de *Brasileiros na Guiana Francesa...*, oferece aos não iniciados no campo semântico do *fazer científico* um panorama geral do cotidiano daqueles que migraram para um território na América do Sul, que permanece sob jurisdição política e administrativa de uma nação européia. Decerto, o mérito do trabalho de Ronaldo Arouck reside no conhecimento produzido sobre um processo migratório, entre países amazônicos, até então inexplorado pela academia. Por conseguinte, tal estudo enfoca uma realidade em conformação quanto ao destino da população brasileira imigrante, a qual tem procurado outras rotas, além daquelas já banalizadas para a América do Norte e para a Europa, oferecendo desse modo um campo de possibilidades de pesquisas para sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e outras categorias interessadas pelos estudos migracionais.